

## ***HOMO DOCUMENTATOR: SUZANNE BRIET E A CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTALISTA***

*Carlos Henrique Juvêncio*

Professor do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense e bolsista de Pós-Doutorado Júnior pelo CNPq.

E-mail: [carloshjuv@gmail.com](mailto:carloshjuv@gmail.com)

*Georgete Medleg Rodrigues*

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

E-mail: [georgete@unb.br](mailto:georgete@unb.br)

### **RESUMO**

Suzanne Briet é um dos nomes mais citados quando se fala da noção de documento e sobre a história da Documentação, sua obra 'O que é a Documentação' apresenta de forma sintetizada o seu entendimento acerca das funções da disciplina em nossa sociedade, das responsabilidades dos Documentalistas e sobre o papel da organização da informação na década de 1950. Este artigo objetiva evidenciar como Briet enxergava o novo profissional que surge à reboque da Documentação, o Documentalista, situando seu pensamento em seu tempo e espaço. Discute teoricamente as ideias de Briet atrelada a de seus estudiosos – Buckland, Day e Fayet-Scribe. Conclui que o documentalista é o profissional fruto do movimento de organização da informação demandado pela Segunda Guerra Mundial e dos desejos de informação advindos do modelo capitalista para o desenvolvimento industrial e científico, além de ser um precursor do que modernamente denominamos cientista da informação.

**Palavras-chave:** Cientista da Informação. Documentação. Documentalista. Suzanne Briet.

### ***HOMO DOCUMENTATOR: SUZANNE BRIET AND THE CONSTRUCTION OF THE DOCUMENTALIST***

### **ABSTRACT**

Suzanne Briet is one of the most cited names when talking about the notion of document and about the history of Documentation, her work 'What is Documentation' summarizes her understanding of the functions of Documentation in our society, the responsibilities of Documentalists and on the role of the information organization in the 1950s. This article aims to highlight how Briet saw the new professional who emerges in tow of Documentation, the Documentalist, situating his thought in his time and space. He discusses theoretically Briet's ideas tied to that of his scholars - Buckland, Day, and Fayet-Scribe. It concludes that the documentalist is the professional fruit of the information organization movement demanded by the Second World

War and the information desires derived from the capitalist model for the industrial and scientific development, besides being a forerunner of what modernly we call information scientist.

**Keywords:** Documentation. Documentalist. Information Scientist. Suzanne Briet.

## 1 INTRODUÇÃO

Suzanne Briet, é um dos nomes mais lembrados quando temas voltados à Documentação e à gênese da Ciência da Informação são postos em pauta. Bibliotecária e historiadora francesa nascida no final do século XIX, em 1894 – curiosamente, 1 ano antes da fundação do Instituto Internacional de Bibliografia – sua obra mais célebre é *Qu'est-ce que la documentation?* (O que é a Documentação?), onde o famoso exemplo do antílope utilizado para explicar o que seria um documento é ainda celebrado nos dias de hoje (BUCKLAND, 2005).

Conhecida como pertencente à segunda geração de pensadores da Documentação – a primeira seria comandada por seus fundadores, Otlet e La Fontaine –, Briet destrincha em sua obra, lançada em 1951, a Documentação praticada na França, sobretudo, na Biblioteca Nacional, onde atuava desde a década de 1930 (DAY, 2006/2007). Considerada por Fayet-Scribe (2012) como um manifesto, a obra discorre sobre o entendimento de Briet acerca do que seria a Documentação, dividindo-se em três partes: 1) Uma técnica do trabalho intelectual; 2) Uma profissão distinta e 3) Uma necessidade do nosso tempo. De forma concisa e direta, como elucida a autora, aborda questões relacionadas às funções da Documentação em nossa sociedade, das responsabilidades dos Documentalistas e sobre o papel da organização da informação na década de 1950.

Pioneira em múltiplos aspectos, Buckland (2005) ainda observa que Briet era militante da causa feminista e chegou a presidir a *Union des Femmes Européennes* (União das Mulheres Européias), sendo uma das três primeiras mulheres a trabalharem na Biblioteca Nacional da França. “Ela cria um ‘Rotary Club’ feminino que angaria 8 mil sócios. Essa associação e outras são o gérmen de uma construção coletiva do conhecimento” (FAYET-SCRIBE, 2012, tradução nossa).

Ademais este aspecto, outra face ainda pouco explorada na obra de Briet é o perfil traçado por ela para que o Documentalista possa desempenhar suas funções com

eficiência e contribuir o máximo possível com o desenvolvimento científico e social mundial. Neste sentido, este artigo objetiva evidenciar como Briet enxergava o novo profissional que surge à reboque da Documentação, o Documentalista, situando seu pensamento em seu tempo e espaço.

Day (2006/2007), Buckland (1997, 2005) e Fayet-Scribe (2012) a consideram uma das pioneiras da Ciência da Informação, logo, o perfil por ela cunhado para o Documentalista tem estreita relação com aquele traçado por Bush e evidenciado em seu *As We May Think*. De fato, é esclarecedor que *O Que é Documentação?* venha à luz após sua viagem aos Estados Unidos entre 1951 e 1952, onde se interessa pela Biblioteconomia especializada, nome que, segundo Fayet-Scribe (2012), significa a mesma coisa que a Documentação na França.

De fato, é interessante observar que a obra máxima de Briet nasça sobre os preceitos de um mundo totalmente polarizado entre Capitalistas e Comunistas, países de Primeiro e Terceiro Mundo, fato que evidencia-se em vários trechos de sua obra, portanto, há de se salientar o local de fala de Briet, enquanto francesa e defensora dos meios de capital, onde coloca o profissional da informação, sobretudo o Documentalista, a serviço dos meios de produção e organização racional do trabalho e da pesquisa.

## **2 A DOCUMENTAÇÃO OTLETIANA E A DOCUMENTAÇÃO BRIETIANA: UM CONTRAPONTO NECESSÁRIO**

*O Traité de Documentación: le livre sur le livre* começou a ser escrito por Paul Otlet no início da década de 1930 sendo publicado em 1934<sup>1</sup>, nele podemos visualizar o pensamento construído e divulgado desde 1895 no *Bulletin de L'Institut International de Bibliographie* e em outras publicações das quais Otlet foi autor ou ajudou na edição. Em tais escritos estão refletidos os ideais apregoados pelo jurista belga, por seu parceiro intelectual, Henri La Fontaine, e por pessoas de todo o mundo, sendo ao mesmo tempo um manual de construção de fontes de informação e um meio de propaganda dos ideais internacionalistas do IIB e do *Mundaneum*, fato corroborado por Fayet-Scribe (2000) e Lopez Yepes (1995).

---

<sup>1</sup> Em 2015, o *Mundaneum* lançou uma edição fac-similar do *Traité* e foi esta que utilizamos na construção de nossa tese.

No *Traité*, Otlet expressa ao longo de cerca de 450 páginas suas idéias e reflete sobre os meios de organização dos frutos do espírito humano, desta forma, destaca que tal obra destina-se a ser “[...] uma visão geral dos conceitos relativos ao Livro e ao Documento, com o uso racional dos elementos que constituem a Documentação” além da:

[...] organização e racionalização de métodos e processos, mecanização, cooperação, internacionalização, desenvolvimento considerável das ciências e das técnicas, a preocupação de aplicar os dados para o progresso das sociedades, difusão da educação em todos os níveis, aspiração e vontade latente de dar para toda a civilização fundamento intelectual mais amplo orientado por planos (OTLET, 1934, p. 3, tradução nossa).

De fato, Paul Otlet e Henri La Fontaine, mais do que criar uma fonte de informação em escala mundial, alteram os modos de tratamento da informação com a criação do RBU, unindo, àquela altura, técnicas biblioteconômicas e bibliográficas. A Biblioteconomia, de tradição milenar, visava reunir e conservar os registros escritos da humanidade, sendo os bibliotecários os guardiões dos acervos das bibliotecas, desta forma, tal instituição tinha sua missão atrelada ao desejo de guarda e perpetuação dos registros escritos (OTLET, 1908; BLANQUET, 2014). Já a Bibliografia, cuja prática existia desde a Antiguidade, mas cuja definição só foi formulada em meados do século XVI, arrola a noção de repertórios que visam controlar a produção de determinado registro humano, como os livros, por exemplo (OTLET, 1908; BLANQUET, 2014).

O Repertório proposto por Paul Otlet e Henri La Fontaine visava disseminar o conteúdo dos acervos de diversas instituições do mundo facilitando o acesso a esses e dando publicidade à sua existência. Utilizando técnicas de representação utilizadas pela Bibliografia e Biblioteconomia, como a organização por título ou assunto, a atribuição de autoria etc, os juristas belgas organizam sua fonte de informação empregando como suporte as fichas catalográficas, por nós já citadas (RAYWARD, 1975).

A diferença de tal instrumento de recuperação da informação residia nas informações arroladas e como o catálogo se apresentava, assim o RBU possui entradas por autor e classificação. Desta forma, o Repertório intentava ser o instrumento capaz de representar todos os frutos do espírito humano de forma que eles pudessem ser acessados mais rapidamente.

Outrossim, as técnicas empregadas por Otlet e que culminam com a criação da Documentação, visam organizar, tornar disponíveis e disseminar a informação ao redor do mundo, diz ele que:

Para tornar acessível a quantidade de informações e de artigos publicados a cada dia nos jornais, nas revistas, para conservar as brochuras, os relatórios, os folhetos, os documentos oficiais, para recuperar os materiais esparsos nos livros, para fazer um todo homogêneo destas massas incoerentes, **exigem-se novos processos, muito diferentes da antiga Biblioteconomia**, tal como são aplicados (OTLET, 1934, p. 6, grifo e tradução nossas).

Nesse sentido, ainda declara que:

Há um problema central na Documentação como a todas as disciplinas. Devido ao documento não ser um dado natural, mas sim uma obra dependente da vontade humana, esse problema é de ordem da ação e seu progresso. Como todos os problemas práticos, ele só pode ser resolvido de forma gradual e por aproximação sucessiva. A solução depende de bons métodos, de cooperação no trabalho, de organização dos esforços. O problema se apresenta em duas partes: quanto à criação do livro e do documento; quanto à sua utilização (OTLET, 1934, p. 373, tradução nossa).

O intento de Otlet ao cunhar as técnicas documentalistas e disseminá-las ao redor do mundo era a criação de um “grande livro” do saber humano, que tem como seu maior expoente o RBU<sup>2</sup>. De fato, era o Repertório Bibliográfico Universal (RBU) o responsável por arrolar todas as obras, de todos os tempos, em todos os tipos de materiais e formato (OTLET, 1934). Mas não somente isso, a materialidade do livro não era mais o foco das atenções, sim o seu conteúdo, logo as informações contidas nos capítulos e seções eram tão importantes quanto a obra no todo e deveriam deixar a invisibilidade dos catálogos biblioteconômicos para ser alvo, também, do tratamento proposto pela Documentação. Se, até Otlet, o livro era tratado no todo, com as técnicas documentalistas, o livro se desdobra em partes, em capítulos representados em fichas isoladas. O mesmo fenômeno ocorre com as coleções de publicações periódicas, cujos artigos são agora desdobrados,

---

<sup>2</sup> Otlet inicia seu projeto com o RBU para a representação de livros e periódicos, sendo a Enciclopédia Universal a responsável por arrolar todos os registros humanos, incluindo aqueles que estavam no RBU, mas com o passar dos anos, o RBU passa a ser utilizado com esse propósito, exercendo seu caráter universalista.

sendo possível a sua representação e recuperação. Logo, a Documentação deriva do esforço para tratar os mais diferentes tipos de suportes de informação e seus diferentes meios de apresentação, tornando-os disponíveis para uso.

Sob este prisma, a Documentação não pode ser entendida como mais uma técnica de organização de acervos, mas sim como um conjunto de ações que visam organizar e disseminar a informação ao redor do Globo. Mais do que um método, a Documentação surge no contexto da cooperação internacional e interinstitucional; seu fim é auxiliar no desenvolvimento científico, tecnológico e social das diferentes nações. Carregada do ideal pacifista e mundialista de seu(s) criador(es), seu mote de ação é de que o conhecimento apazigua disputas, levando ao mútuo entendimento entre as diferentes culturas. Otlet (1934, p. 374) entende que:

[...] Há uma economia e uma técnica da Documentação e [que] ela engloba as quatro funções de produção, distribuição, repartição e consumo [da informação] [...]

Um certo número de ideias e de invenções aportaram um progresso considerável à Documentação: a publicidade reconhecida como necessária aos trabalhos científicos; a colaboração; a concepção de um ciclo ligando todas as operações, todos os trabalhos; a classificação; a ficha e o repertório; o serviço de documentação, a enciclopédia, a ideia de regras, normas, unidades se aplicando tanto ao trabalho e às produções intelectuais como às produções industriais (OTLET, 1934, p. 374, tradução nossa).

Logo, são partes da Documentação os documentos privados, as bibliotecas, a bibliografia, os arquivos, sejam administrativos ou históricos, documentos gráficos e não-bibliográficos, as coleções museológicas e a enciclopédia (OTLET, 1934). Todos esses são representantes das idéias, sejam na concepção, organização, armazenamento ou difusão das informações contidas nos mais variados suportes. Estão presentes aí os arquivos, bibliotecas e museus, bem como as pessoas interessadas na organização dos frutos do espírito humano. Já a enciclopédia seria o expoente máximo da organização do intelecto humano, ao qual todos recorreriam buscando se informar melhor sobre determinado assunto, mesmo que de forma genérica. Curioso notar como os objetivos da Documentação se assemelham aos do RBU, onde o acesso rápido e fácil é o ideal buscado, bem como sua ampla divulgação.

Por este ângulo, para que a Documentação se realize efetivamente é necessário que:

Ela compreenda: 1º o colecionamento sistemático dos documentos; 2º uma classificação que ofereça um quadro comum a todos as divisões das organizações e onde figure todos os assuntos suscetíveis de interesse; 3º o sistema de redação monográfica e o sistema de fichas que serão classificados de forma vertical; 4º o sistema de dossiês depositados em classes verticais formando um sistema organizado; 5º a adoção de fichas catalográficas múltiplas e bem detalhadas de modo a mencionar os documentos nas diversas séries fundamentais da classificação às quais se referem; 6º as ferramentas mecânicas e os processos químicos para cobrir, estabelecer, reproduzir, multiplicar, selecionar, classificar, transportar os documentos (OTLET, 1934, p. 7, tradução nossa).

Assim, Otlet, na companhia de La Fontaine, desde 1895 conclamava parceiros para tal empreitada e suas ações refletem bem o seu ideal documentalista. Assim, estimula a construção de Leis de Depósito Legal e de uma rede internacional de intercâmbio; a organização de redes regionais/nacionais de bibliotecas que troquem entre si informações, priorizando a uniformização de catálogos (ou até mesmo a criação de um catálogo único coletivo) e a idéia de que uma fonte de informação seja catalogado apenas uma vez; a adoção de uma classificação única e universal que, conforme já discutimos, era, em fins do século XIX, a CDD e, em 1904, passa a ser a CDU; bem como a adoção de processos de reprodução das informações de forma rápida, como é o caso do microfilme que, em 1906, é criado pelas mãos de Otlet e do engenheiro belga Robert Goldschmidt (OTLET, 1934).

Em suma, Otlet (1934, p. 43) observa que o livro, aqui entendido, também, como qualquer documento, “[...] se tornou o organismo por excelência da conservação, da concentração e da difusão do pensamento, sendo necessário considerá-lo um instrumento de pesquisa, de cultura, ensino, informação e lazer. Eles, os livros, são, assim, o receptáculo e o meio de transporte das idéias”, logo, facilitar o acesso ao livro é contribuir para o progresso científico e tecnológico da humanidade. Ele vai além e declara que “[...] o livro é um capital de idéias, que se recolhe e conserva. O homem acumula as idéias e fatos como acumula os produtos. [Assim,] o livro é uma arma, uma ferramenta” (OTLET, 1934, p. 45, tradução nossa).

Não deixa de ser curioso o fato de que mesmo sob forte influência da doutrina socialista, Otlet, em diversos momentos do *Traité* coloca a Documentação a serviço de uma economia de mercado; se organizar desperta o interesse, informa, também agiliza processos, coloca-se o livro e o documento como mercadoria desejada e, não por menos,

os editores, casas editoriais e mercadores do livro sempre foram conclamados a fazer parte do intento belga de organização universal da informação. Bem como as mais variadas organizações são convidadas a organizar seus arquivos (sobretudo, os administrativos), elaborando fontes de informações sobre eles a fim de dinamizar processos da administração e/ou burocráticos.

Sob este prisma, a criação de uma espécie de “embaixada documentalista” é disseminada, pois os escritórios ou serviços de bibliografia e documentação funcionariam como laboratório para a implementação dos ideais de Otlet, La Fontaine e do IIB, se constituindo na estação intermediária entre o nacional e o internacional, contribuindo para a construção de uma rede mundial de troca de informações:

- a) A importância que tomou a Bibliografia [...] levou à criação de serviços distintos que têm lugar dentro de grandes Instituições, principalmente bibliotecas, são instituições autônomas: os Escritórios de Bibliografia.
- b) Os Escritórios nascem de duas necessidades: 1ª Dar mais espaço para o trabalho bibliográfico, confiando pessoal especializado que pode garantir-lhe a velocidade, regularidade e continuação que falta no trabalho realizado por autores individuais e voluntários. A organização mais eficiente da bibliografia tornou-se realmente uma função do mundo científico no que diz respeito à continuidade e à eficiência da própria pesquisa científica (OTLET, 1934, p. 334-335, tradução nossa).

A ideia era que esses centros funcionassem como difusores dos ideais apregoados pelos juristas belgas, mas, sobretudo, como oficinas onde a Bibliografia Universal seria construída e disseminada pela construção de bibliografias nacionais e/ou especializadas. De fato, formar pessoal afeito às propostas do Instituto Internacional de Bibliografia e do *Mundaneum* parece, também, ser uma das premissas de tal serviço. Se a bibliografia nacional era o seu objetivo, dentre suas tarefas estava, também, a coordenação nacional, a liderança na construção de um catálogo único e na adoção de diretrizes internacionais para o tratamento de acervos, afinal, o papel reservado aos escritórios e serviços de bibliografia e documentação era o de replicar as normas estabelecidas por Otlet, La Fontaine e seus congêneres. Fato exemplar ocorre na Argentina, onde Federico Birabén cria, no escopo do escritório argentino de bibliografia e documentação, um curso de bibliografia que objetivava disseminar os preceitos documentalistas (JOSÉ SUÁREZ, 1970; ROMANOS DE TIRATEL, 2004; JUVÊNCIO; RODRIGUES, 2018), situação não muito diferente da que ocorre no Brasil, como elucida Juvêncio (2016).

Briet (1951), apesar de ser considerada herdeira direta dos ideais Otletianos, muda a concepção da Documentação, passando de uma iniciativa de cunho global, um esforço de tratamento de difusão dos saberes para uma ciência produtora de fontes, que visa oferecer informação, mas não em todas as áreas, mas, sim, de maneira especializada. A Documentação entendida por Briet (1951) sai da esfera macro, para a micro, permanecendo a variedade de formatos e tipos de documentos, mas especializando-se em relação ao conteúdo. Ela, apesar de enaltecer o trabalho de Otlet, desconsidera o Repertório Bibliográfico Universal como uma fonte válida, para ela, a Documentação necessita voltar-se para o tratamento especializado da informação, derivado daquele realizado pelas disciplinas pré-documentárias, como a Biblioteconomia, Arquivologia, Bibliografia etc (BRIET, 1951).

[...] os métodos do trabalho documentário foram emprestados de técnicas antigas ou afins. Todas as que podem ser agrupadas sob a categoria comum de coleta e conservação e, mais particularmente, de catalogação, vêm das profissões pré-documentalistas. Da normalização, ou racionalização generalizada, guardaram-se somente as especificações recomendáveis no campo da documentação. A ordenação [classement] e a classificação [classification] têm uma importância de primeira grandeza no trabalho dinâmico do documentalista. Mas é sobretudo na disseminação da documentação e no que se convencionou chamar de produção documentária que se encontra a verdadeira criação profissional. A orientação sobre as fontes, as instituições e os especialistas confere ao conjunto das atividades documentárias um impulso de roda giratória e de irradiação circular pelos quatro pontos cardeais (BRIET, 2016, p. 16).

Sob este prisma, os Serviços de Documentação, cujo implantação Otlet (1934) conclama, dão lugar a Centros de Documentação, onde a técnica de tratamento fica a cargo dos profissionais específicos, como bibliotecários, arquivistas e museólogos<sup>3</sup>, e ao Documentalista cabe a técnica de construção de fontes especializadas alinhadas ao perfil de cada um dos seus usuários, à sua cultura<sup>4</sup>.

Os centros de documentação propriamente ditos situam-se na própria fonte dos elementos documentários. Eles produzem documentos secundários a partir dos documentos primários. Organizados à

---

<sup>3</sup> Conforme Briet (1951), conservadores de Museus.

<sup>4</sup> Briet a todo momento se refere à cultura, mas, por não ser o foco deste trabalho, trabalharemos a noção de cultura como “[...] 5. Soma das informações e conhecimentos de uma pessoa, ou de um grupo social” (AULETE, [2013]).

semelhança das fábricas com sua cadeia documentária, fazem pesquisas no campo inteiro de uma especialidade, abrangendo publicações em qualquer língua e de qualquer país. Mantêm à disposição de seus usuários diretos, internos e externos, os documentos primários que coletaram, e os secundários ou 'subprodutos' que tenham elaborado. Esse tipo de organismo tende a se impor, com a evolução de uma organização nacional ou internacional, que será preciso levar em conta (BRIET, 2016, p. 34).

Para ela a ciência Documental deveria mediar de forma incisiva o contato entre estudioso/pesquisador e fonte documental:

A documentação aparece enfim como o corretivo da especialização sempre crescente. Fechado nos limites mais ou menos amplos de sua especialidade, o pesquisador precisa ser guiado através dos territórios que circundam seu domínio particular. Orientação sobre as fronteiras de um assunto, prospecção das fontes de pesquisa, definição de atribuições são algumas das necessidades que requerem a coordenação de diversas atividades (BRIET, 1951).

Logo, a Documentação visa oferecer condições para que o desenvolvimento científico e tecnológico, mas, ao que nos parece, a pesquisa ficaria a cargo desse novo ramo do saber, que compilaria fontes e ofereceria documentos secundários, além dos primários que já estão de sua posse, conforme mencionado acima. Restaria ao pesquisador, ao invés da passagem por inúmeras fontes do universo informacional em expansão, confiar no trabalho do Centro de Documentação e selecionar o que desejava em meio aquele universo o que mais se adequa ao que deseja.

De fato, Briet (1951) chama a atenção às novas tecnologias, que em muito têm a auxiliar o trabalho do pesquisador e dos Centros de Documentação, segundo ela, milhares de páginas podem ser condensadas em tiras de microfilmes ou em fotografias, de modo que o transporte seja feito de forma mais eficiente sem ocupar tanto espaço. Não esqueçamos da fotocópia, que permite a consulta à distância sem que o documento saia do seu espaço. Sobremaneira, é curioso observar que ela já prenunciava o impacto da televisão na produção e disseminação de informações, colocando-a como elemento-chave no mundo pós-guerra, sua visão, inclusive, nos parece advertir para a chegada do microcomputador, sob a concepção da televisão documentária, cujo propósito é a transmissão e impressão de informações.

Por fim, ela observa que a humanidade deve se preparar para comandar os "robôs de amanhã", logo, o eleito por Briet para ser o responsável por guiar os profissionais das

mais variadas áreas na busca pela informação que deseja, seria o *Homo Documentator*, o Documentalista, o ser que domina as fontes e sabe delas depreender o real sentido para que seu usuário possa encontrar o que deseja, o responsável por domar essas máquinas do futuro.

### **3 HOMO DOCUMENTATOR: A TÉCNICA A SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO**

Para compreender melhor em que contexto emerge o trabalho de Briet, faz-se necessário observar que o mundo àquela época estava polarizado entre o sistema capitalista e o comunista, liderados por Estados Unidos e Rússia os países, sobretudo do hemisfério norte, articulavam-se em ações de informação, contrainformação e espionagem, se, por um lado, Bush pedia ao presidente Roosevelt que os progressos da ciência da guerra deviam ser desenvolvidos e postos ao alcance do cidadão comum, também alertava para os perigos que informações sensíveis poderiam representar se fossem expostas sem se pensar numa organização minuciosa de tudo o que se produziu e ainda produzirá (CIÊNCIA..., 2010).

Apesar de Briet (1951<sup>5</sup>) alertar que “A documentação secreta é uma afronta à documentação”, ela posiciona a disciplina a serviço do capital, do melhor emprego dos recursos na busca e localização das informações necessárias para o desempenho do papel social seja da pessoa, da empresa ou do Estado. De fato, ela posiciona o Documentalista como aquele que irá se antecipar às demandas, ler a cultura<sup>6</sup> a sua volta, e oferecer fontes de informação das mais variadas de modo a sanar os desejos de seus usuários, assim, “[...] o *documentalista* é, primeiro, um especialista no acervo, isto é, possui uma especialização cultural semelhante à da instituição que o emprega [...]” (BRIET, 2016, grifo da autora).

Briet enxerga os centros de documentação e os documentalistas como encarregados de unificar uma ampla variedade de “fontes de informação” de maneira proativa e institucionalmente incorporada, traduzindo materiais quando necessário e acompanhando o trabalho dos pesquisadores e as necessidades potenciais antes de ser solicitado a

---

<sup>5</sup> Para fins de esclarecimento, utilizamos a versão original do *Qu'est-ce que la documentation?* (disponível em: SITE) e a versão traduzida pela Briquet de Lemos em 2016 (Disponível em: SITE).

<sup>6</sup> Day (2006/2007) observa que quando Briet fala de cultura ela se refere ao contexto no qual a pessoa está imersa, sendo assim, pode ser a empresa, a universidade, o instituto de pesquisa etc, numa acepção muito mais espacial do que antropológica.

recuperar as informações. A noção de “cultura” em seu livro, ao mesmo tempo em que se refere especificamente a “culturas” profissionais e industriais [...] também pode ser estendida a culturas nacionais ou étnicas maiores. Pode incluir a necessidade de bibliotecas públicas ou centros de documentação públicos para, literalmente, falar a língua e entender os modos de vida dos usuários de diferentes grupos étnicos e linguísticos – e assim servi-los de dentro, em vez de exigir que eles cheguem ao espaço físico de bibliotecas e aprendam a bastante esotérica, linguagem técnica de organização de conhecimento da biblioteca [...] (DAY, 2006/2007, tradução nossa).

Antes de tudo, cabe-nos observar que, como alerta Ortega y Gasset (2006), o profissional só surge quando a sociedade demanda, pois a profissão é uma invenção do social, que deriva da necessidade comunitária; sendo seu mister a sua missão social; logo, se o bibliotecário surge quando o estatuto social do livro se modifica, quando, a partir do Renascimento, o seu status de portador de informações passa a sobrepujar o caráter divino; o Documentalista surge quando há a necessidade de tornar acessível todo o conhecimento humano de forma rápida e eficiente.

Sua técnica consiste em saber onde encontrar e como dispor o que encontrou a quem precisa, Briet (2016) alerta que “Arquivista, Bibliotecário e conservador de museu<sup>7</sup>, nosso documentalista é tudo ao mesmo tempo”. Logo, se a técnica do arquivista e dos bibliotecários está no tratamento dos itens para sua disponibilização ao pesquisador, a do documentalista estaria ligada à construção de fontes de informações derivadas de tais procedimentos.

[...] de um lado, entre os bibliotecários, o cuidado de organizar catálogos e, como corolário, catálogos coletivos cada vez mais extensos, até universais [...]. De outro lado, os documentalistas, num esforço para pesquisar e divulgar os mais diversos meios de acesso a documentos multiformes, classificados por assunto (BRIET, 2016)

Assim, o documentalista é o profissional do documento, não importando o seu suporte ou formato, é aquele que ativamente produz fontes de informação cada vez mais especializadas para seus usuários. Assim, Briet (2016) entende que:

O documentalista é um técnico especializado, cujos conhecimentos profissionais serão cada vez mais técnicos no futuro. Entretanto, não seria exagerado insistir na importância da especialização cultural para os

---

<sup>7</sup> Museólogo.

quadros da profissão. Enquanto os auxiliares são por definição polivalentes, e podem contribuir com seus conhecimentos técnicos para qualquer serviço de documentação, os documentalistas devem poder selecionar, compreender, traduzir, interpretar, utilizar, no sentido intelectual da palavra, os documentos que estejam a seu cargo, de acordo com a especialidade da instituição que os emprega. A especialização cultural tem, pois, para o documentalista, uma importância maior ainda do que para os profissionais da conservação de documentos<sup>8</sup>.

Ela continua, e observa que o documentalista:

Para começar, [deve] ter conhecimento íntimo da especialidade que constitui o objeto da própria atividade da instituição a que serve (química, silvicultura, pedagogia, mecânica, medidores de gás, vidraria, têxteis, economia doméstica, etc.). Além disso uma formação teórica aplicada aos métodos e às técnicas da documentação. É preciso ainda dominar, no mínimo, duas línguas estrangeiras. Enfim, deve possuir a capacidade de organizar e dirigir coisas e pessoas, que se manifesta nas seguintes qualidades: ordem, clareza de espírito, psicologia, previdência, criatividade, imaginação, consistência, sentido social, autoridade (BRIET, 2016).

Assim, Day (2006/2007) observa que para Briet (2016) “[...] os documentalistas não devem apenas recuperar documentos, mas pesquisar o que ainda não lhes foi pedido, traduzir informações de outros idiomas, resumir e indexar documentos, e, de modo geral, trabalhar proativamente dentro da dinâmica do avanço do conhecimento em um campo”.

Convém observar que para Briet (2016), os serviços de documentação deveriam produzir documentos secundários – traduções, resumos, boletins, fichários, catálogos, bibliografias, dossiês, foto reproduções, microfilmes, seleções, revisões de literatura, enciclopédias, guias etc – apoiados nos documentos primários, visando favorecer o desenvolvimento científico e tecnológico.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Fayet-Scribe (2012, tradução nossa) observa que “Ronald Day [...] evidencia o quanto Suzanne Briet atribui à documentação um papel de líder cultural tendo ao mesmo

---

<sup>8</sup> Briet (1951) chama de profissionais da conservação de documentos os arquivistas, bibliotecários e conservadores de museus.

tempo a tarefa de difundir seus próprios conteúdos e uma ideologia: a da ciência triunfante junto com o mundo da indústria capitalista”.

Sob esta ótica, é possível observar que a Documentação Brietiana difere em muitos aspectos daquela idealizada por Otlet anos antes. De fato, ela vai além do que seu predecessor ao pensar a figura do Documentalista, mas ela nos parece enfática sobre qual a sua posição no cenário político conturbado em que vivia.

Se a obra de Otlet é utópica em múltiplos aspectos devido a sua magnitude, o pensamento de Briet sobre o Documentalista nos parece demasiadamente ambicioso, afinal, o Documentalista seria mais do que um guia entre o usuário e a informação desejada, se constituindo no personagem central, super especializado, com o qual a informação ganharia forma e sentido para o pesquisador, atuando como um produtor de fontes especializadas.

O *Homo Documentator*, seria o expoente máximo da sociedade da informação, o responsável por organizar o conhecimento especializado de forma racional e ser o mediador ativo entre o sujeito e produção de novos conhecimentos.

Se o Documentalista não permanece com o mesmo apelo 60 anos após a obra de Briet, ele se vê transfigurado em Cientista da Informação, aquele profissional multi ou interdisciplinar que tem por objeto de estudo a informação, seus processos e usos.

## REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **IDicionário Aulete**. Rio de Janeiro: Lexikon, [2013]. Disponível em: <[http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital](http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital)>. Acesso em: 24 jul. 2015.

BLANQUET, Marie-France. **Documentalistes: leur histoire de 1900 à 2000**. Mayenne : Canopé, 2014.

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce que la Documentation?**. Paris: ÉDIT, 1951.

\_\_\_\_\_. **O que é a Documentação?**. Brasília: Briquet de Lemos, 2016.

BUCKLAND, Michael. Suzanne Briet, 1894-1989: "Madame Documentation". In: **DICTIONNAIRE encyclopédique de l'information et de la documentation**. Paris: Editions Nathan, 1997. p. 105-106.

\_\_\_\_\_. **A Brief Biography of Suzanne Renée Briet**. 2005. (Preprint). Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/Brietaut2.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

CIÊNCIA, a Fronteira Sem Fim: o documento que ajudou a moldar a pesquisa na 2ª metade do século XX. **Revista Ensino Superior Unicamp**, ano 1, n. 2, nov. 2010.

DAY, Ronald E. Suzanne Briet: an appreciation. **Bulletin of the Association for Information Science and Technology**, dec. 2006/jan. 2007. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Dec-06/day.html>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

FAYET-SCRIBE, Sylvie. Connaissez-vous Suzanne Briet?. **Bulletin des Bibliothèques de France**, n. 1, janv. 2012. Disponível em: <<http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2012-01-0040-007>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

JOSÉ SUÁREZ, Reinaldo. El ingeniero D. Federico Biraben y su acción bibliográfica en el ámbito americano. **Documentación Bibliotecológica**, n. 1, p. 1-10, 1970.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique; RODRIGUES, Georgete Medleg. Federico Birabén e sua proposta para a oficina bibliográfica brasileira: aproximações e distanciamentos da Documentação na América do Sul. **Investigación Bibliotecológica**, v. 32, p. 67-80, 2018.

JUVÊNCIO, Carlos Henrique. **Manoel Cícero Peregrino da Silva, a Biblioteca Nacional e as origens da Documentação no Brasil**. 2016. 2 v. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

LOPEZ YEPES, Jose. **La Documentación como disciplina: teoría e historia**. 2. ed. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1995.

ORTEGA Y GASSET, Jose. **Missão do bibliotecário**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

OTLET, Paul. **Traité de Documentation: le livre sur le livre, théorie et pratique**. Bruxelas: Mundaneum, 1934. Disponível em : <[http://lib.ugent.be/fulltxt/handle/1854/5612/Traite\\_de\\_documentation\\_ocr.pdf](http://lib.ugent.be/fulltxt/handle/1854/5612/Traite_de_documentation_ocr.pdf) >. Acesso em 13 set. 2012.

RAYWARD, W. Boyd. Boyd. **The universe of information: the work of Paul Otlet for Documentation and international organisation**. Moscow: VINITI; FID, 1975.

ROMANOS DE TIRATEL, Susana. La bibliografía nacional argentina: una deuda pendiente. In: **WORLD LIBRARY AND INFORMATION CONGRESS: IFLA GENERAL CONFERENCE AND CONCIL**, 70., Buenos Aires, 2004. Anais... Buenos Aires: IFLA, 2004.

## Agradecimento

Ao CNPq pela bolsa concedida a Carlos Henrique Juvêncio que possibilitou a realização deste trabalho (Processo 150280/2018-1).